

Vida empreendedora, relatos biográficos: memória e testemunho na trajetória de Luíza Trajano¹

Entrepreneurial life, biographical stories: memory and testimony in the trajectory of Luíza Trajano

Marcelo dos Santos Marcelino²³
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2499-6207>

Igor Sacramento⁴⁵
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1509-4778>

Recebido em: 12/01/2025. Aprovado em: 29/04/2025.

Palavras-chave: Luíza Trajano; Testemunho; Memória.

Resumo

Este texto analisa a construção biográfica de Luíza Trajano sobre si numa entrevista para o canal de YouTube, AMAR, conduzido por Mariana Kupfer. Procuramos identificar como o discurso terapêutico e a subjetividade empreendedora contemporânea estruturam o testemunho da empresária sobre sua vida bem-sucedida. Analisamos seu testemunho a partir de uma abordagem discursiva bakhtiniana, que permite observar os acontecimentos do dizer numa cadeia comunicativa de outros textos, valores e ideologias. Concluímos que a empresária tem a sua trajetória moldada de acordo com princípios éticos neoliberais, de modo a se tornar exemplo de capacidade de superação das adversidades.

Abstract

This article analyzes Luíza Trajano's biographical construction about herself in an interview for the YouTube channel, AMAR, attended by Mariana Kupfer. We tried to identify how the therapeutic discourse and the entrepreneurial subjectivity structure the contemporary businesswoman's testimony about her successful life. We analyze his testimony from a Bakhtinian discursive approach that allows observing less the saying than the event of saying a communicative chain of other texts, values and ideologies. We conclude that the businesswoman has her

¹Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no 32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo - SP. 03 a 07 de julho de 2023.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ – Brasil

³ Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, bolsista do CNPq, graduado em Comunicação Social - Publicidade pela USP e membro do Nechs (Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde / Fiocruz). Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Orientando de Igor Sacramento (*in memoriam*).

⁴ Fiocruz (RJ) e UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ – Brasil

⁵ Foi doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. Lecionou no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz, do qual foi coordenador. Foi bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e coordenador do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (Nechs). Realizou pesquisas sobre história da comunicação, estudos de televisão, memória social, narrativas biográficas, processos de subjetivação e discursos sobre corpos, saúde e doenças. Infelizmente, nos deixou em 21 de abril de 2025, em Paris (FR). Deixou saudades no coração de muitos, especialmente familiares, amigos e orientandos.



trajectory molded according to neoliberal ethical principles in order to become an example of ability to overcome adversities.

Keywords: Luiza Trajano; Testimony; Memory.

1 Introdução

Luiza Trajano é um grande nome do universo empresarial brasileiro que há alguns anos vem ganhando forte projeção nacional, inclusive sendo cotada a assumir cargos do executivo federal, como a vice-presidência. Para além da dimensão institucional, ela ganhou ainda mais notoriedade midiática nos últimos anos por uma série de eventos, como o lançamento de um programa de *trainee* exclusivo para profissionais negros na empresa Magalu; as ações de contenção na pandemia de covid-19; a aparição nas revistas Times e Forbes; e sua fortuna, que já chegou à casa dos bilhões de reais. Nos últimos dois anos, ela vem se dedicando ao seu grupo Mulheres do Brasil e retomou a participação no Conselho, no governo Lula 3, chegando também a ser condecorada com a medalha de Mérito Oswaldo Cruz, por sua atuação na área da saúde.

Pretendemos analisar que o sucesso midiático de Trajano diz menos respeito a esses acontecimentos e polêmicas isoladamente e mais sobre a dimensão comunicacional e dialógica de construção da sua imagem pública, parte de um amplo processo de celebritização de sua figura de empresária e empreendedora ao longo do tempo, que a inseriu num lugar de prestígio, que vai além do universo empresarial (cf. Driessens, 2014). Hoje, mais do que uma empresária de sucesso, Luiza é vista como alguém que age para o bem do país, uma articuladora da sociedade civil que busca o melhor para os brasileiros.

Nos últimos cinco anos, sua aparição midiática foi mais notável, com a participação em programas conhecidos nacionalmente, como o Roda Viva (TV Cultura), Conversa com Bial (TV Globo) e CNN Brasil. Em 2022, Luiza foi biografada pelo jornalista e apresentador de televisão Pedro Bial (cf. Bial, 2022). A empresária também esteve presente em canais no YouTube de pequeno porte, com número menor de seguidores e audiência reduzida se comparado aos grandes canais televisivos tradicionais, porém relevantes em termos de engajamento entre o público.

Neste texto, procuraremos analisar o vídeo *Luiza Trajano: sua trajetória de vida, Magalu, família e pacto com Deus*, em que ela aparece como entrevistada do canal



AMAR por Mariana Kupfer⁶. A escolha dele se deve às características do próprio canal, que não está diretamente ligado ao universo dos negócios, mas lida com temáticas da maternidade e da superação de traumas ou eventos infortúnios da vida, como acidentes e doenças, utilizando a forma testemunhal como predominante em sua produção audiovisual. O vídeo selecionado foi lançado em 14 de junho de 2021. Naquele ano, a figura de Trajano ganhou mais repercussão com as iniciativas de combate à pandemia de covid-19, quando seu nome começava a ser ventilado como uma possível candidata à vice-presidência numa chapa de terceira via. Nossa escolha aqui não está amparada nos critérios estritamente quantitativos, pois consideramos o contexto de produção da narrativa de Luiza Trajano, parte da cultura terapêutica da autorrealização (cf. Illouz, 2011). Veremos à frente que a cultura terapêutica está estreitamente ligada à celebração do empreendedorismo, do autoaprimoramento e da autogestão da emoção.

Notamos, numa pesquisa exploratória para este texto, que existem no YouTube muitos vídeos em que Luiza Trajano aparece respondendo perguntas mais diretamente ligadas ao empreendedorismo e à sua vida nos negócios; porém, essas entrevistas estão mais restritas aos canais que já abordam a temática dos negócios. Portanto, analisar uma de suas entrevistas em um canal não dedicado a esses assuntos nos parece mais pertinente para perceber de que modo a trajetória de Luiza Trajano há muito tempo não está restrita ao circuito empresarial. Ganha centralidade na biografia de Luiza Trajano o *status* de celebridade, que não contempla apenas o sucesso da atuação profissional que a tornou uma pessoa rica, mas às práticas de representação e reprodução mitológica da prosperidade associada a uma nova psicologia de sucesso. Esses são atributos próprios da celebração das figuras empresariais, que nos últimos anos ganharam muita notoriedade midiática, como Eike Batista e outros empresários (Freire e Castellano, 2012). A escolha desse vídeo é importante para pensar a relação entre testemunho sobre os sofrimentos em vida, os usos da memória e a construção de uma biografia empreendedora na mídia.

Privilegiamos a entrevista no vídeo selecionado porque consideramos este um gênero que mais ganhou aderência na construção midiática de autobiografias e de biografias na contemporaneidade (Arfuch, 2010). Características próprias da entrevista, como a ilusão do pertencimento, a presença do sujeito a partir da corporeidade do entrevistado e entrevistador, a construção de diálogos pelas réplicas, e a presença

⁶ Disponível em https://youtu.be/3AvN_Ej6VXQ. Acessado em 12/12/2024.



imaginária de um terceiro interlocutor que consome o material, são alguns dos elementos que apontam para a ideia de um acesso integral e autêntico à vida do sujeito, sobretudo das celebridades (Arfuch, 2010). Apesar das sucessivas transformações do gênero desde o século XIX, a entrevista guarda em comum ao longo do tempo a noção de acontecimento, vinculado no aqui e agora da produção e circulação do enunciado que, “como ancoragem na temporalidade, guarda relações com a existência” (Arfuch, 2010, p. 163).

É precisamente sobre a dimensão temporal, pelos trabalhos da memória e usos do passado na trajetória de Luiza Trajano, que analisaremos de que maneira o testemunho de uma vida se vincula à gramaticalidade ao discurso neoliberal empreendedor. Nosso objetivo aqui é pensar como a entrevista midiática pode ser um lugar privilegiado para pensar as biografias empreendedoras no âmbito do testemunho e dos acionamentos mnemônicos, que não estão exatamente comprometidos com fatos ou mesmo com a noção de verdade. O biográfico tem a ver com a busca de sentidos no tempo, nos contextos e em situações específicas de uma realidade concreta, portanto, diz respeito a como os valores sociais se dão no presente (Ribeiro e Sacramento, 2020). Por isso, falar sobre aspectos privados da história de vida, ou mesmo testemunhar momentos cruciais da vida publicamente como uma empreendedora, são modos de não exatamente tornar o sofrimento novamente vivo, mas sobre saber como superá-lo e transformar-se num outro capturado pela ideologia neoliberal (cf. Ribeiro e Sacramento, 2020, p. 64-68).

Nossa análise, de inspiração bakhtiniana sobre os discursos e a produção social de sentidos, está centrada não no “conteúdo” das falas de Trajano, mas naquilo que permite a produção de significados sobre a vida individual e coletiva na contemporaneidade, ou seja, nos signos que estão em disputa ideológica e culturalmente para nomear o mundo e as coisas nos termos indiciais (Bakhtin, 2006). Pretendemos olhar as categorias presentes no vídeo – inteligência emocional, atitude empreendedora, honestidade e sucesso, trabalho e protagonismo – e notar quais relações elas constroem para tornar Luiza Trajano uma figura possível e desejada no tempo presente. Essa abordagem metodológica é o que nos permitirá pensar quais são as lógicas comunicacionais acionadas pela memória para articular empreendedorismo e vida pessoal-pública. Seguindo Arfuch (2010), consideramos o acontecimento do dizer em sua dimensão constitutivamente dialógica.

Como nos lembra Mikhail Bakhtin (2011), a cadeira de comunicação discursiva não é operada unicamente pela referencialidade do discurso a algum fato ou alguém, o



que nos leva a considerar, também, os silêncios, os esquecimentos e os anacronismos presentes nas diversas camadas da memória individual e coletiva (cf. Halbwachs, 1990). No dialogismo, sempre existe um outro em interlocução, de modo que uma trajetória, ainda que individual, é sempre semialheia ao indivíduo que viveu (Sacramento, 2014).

Dividimos este texto em três partes: a primeira tratará do relato testemunhal presente nas falas de Luiza Trajano no vídeo selecionado, verificando e contextualizando os momentos em que esses relatos aparecem. Trataremos aqui sobre como o falar de si e da história de vida sob a forma testemunhal é algo fundamental para vincular os sujeitos ao imaginário do empreendedorismo. Argumentamos que o que permite esta vinculação são as narrativas da cultura terapêutica (Illouz, 2010), notadamente aquelas voltadas à autorrealização profissional e afetiva, permitida pela competência emocional e gestão dos afetos daqueles que são considerados empreendedores. Veremos que a primazia conferida ao Eu nas narrativas de sucesso encontra amparo na subjetividade empreendedora e nos dispositivos de governamentalidade neoliberal (Foucault, 2008; Dardot e Laval, 2016).

A segunda parte compreende uma análise da construção biográfica de Trajano na entrevista a partir da construção enunciativa de “valores biográficos” (cf. Arfuch, 2010, p. 59-69; Bakhtin, 2011). Nos detemos aqui em três valores mais mobilizados na entrevista: i) sua origem familiar supostamente humilde e as virtudes de ser uma pessoa simples, doce e cheia de propósitos para si e para os outros, valores estes considerados inatos à sua personalidade desde a infância; ii) as transformações permitidas pela maternidade e sua relação com os filhos na trajetória dentro da Magalu; iii) os usos do passado para afirmar o presente, movimento enunciativo este que comparece tanto na narrativa terapêutica quanto no relato testemunhal de uma vida de sofrimentos e adversidades, ao mesmo tempo supostamente sempre comprometida com as causas sociais. É neste momento que também buscaremos discutir o anacronismo biográfico de Luiza Trajano, privilegiando o seguinte questionamento: Por que afirmar que sempre houve, na sua origem familiar, o espírito empreendedor mesmo quando nos anos 1950, ano de criação da primeira loja Magazine Luiza, o neoliberalismo ainda era rarefeito como biopolítica de Estado e, mais ainda, como dispositivo de subjetivação?

No terceiro momento, discutimos a força dessa narrativa sobre o empreendedorismo a partir dos jogos de linguagem. Em termos processuais, o fenômeno comunicacional das biografias empreendedoras não ocorre pelos critérios da verdade ou mesmo pela referencialidade aos fatos ou acontecimentos, mas pela produção de uma

singularidade essencial permitida pelo trabalho de memória, também ficcionalizado. Algumas perguntas nos guiam neste momento: como é possível produzir sentido social sobre uma vida empreendedora mesmo não havendo possibilidade, a nós pesquisadores, verificar se o relato que analisamos realmente aconteceu? De que maneira a credibilidade nas narrativas do empreendedorismo não pode ser somente associada à mera dominação? Notamos aqui que a identificação e o reconhecimento da história de vida de Trajano operam fundamentalmente pelos afetos e atos de linguagem implicados nos enunciados, além da dramatização do sofrimento e dos momentos adversos da vida.

2 O sofrimento como imperativo de uma biografia empreendedora

Não é raro notar que a exposição de relatos pessoais, especialmente os de sofrimento, tem ocupado a cultura contemporânea de modo acelerado nos últimos anos, especialmente com as mídias digitais, que ajudaram a promover um alargamento do espaço biográfico (Arfuch, 2010). Atualmente, a subjetividade contemporânea é profundamente marcada pelo registro e pela publicização dos relatos individuais, além de promover uma intensa e frequente valorização dessas experiências pessoais e do valor testemunhal (Sacramento, 2018). Não se trata apenas de uma nova modalidade de relato sobre o presente que encobriria as formas tradicionais mediadas pelas instituições modernas – a escola, a universidade, a ciência, o Estado, a empresa –, mas um “imperativo social”, não guiado necessariamente pela exigência interior de expressão (Sacramento, 2018, p. 128). Nas palavras de Sarlo (2007), o que vivemos hoje é uma guinada subjetiva, com uma supervalorização da experiência individual, não mais no espaço íntimo, e sim público.

Apesar da evolução e do aprimoramento tecnológico terem permitido a expansão do testemunho no âmbito da circulação midiática, houve também uma transformação no campo da subjetividade e das políticas contemporâneas que abriram espaço para o testemunho ser utilizado como ação política (Sacramento, 2018). O trauma e a sobrevivência hoje estão cada vez mais reconfigurados no tempo histórico atual, capazes de gerar narrativas épicas de sobreviventes que passaram por situações traumáticas e conseguiram superá-las, servindo em prol do crescimento pessoal (Illouz, 2018). Esse ponto nos parece fundamental para entender como o empreendedorismo, fundado no neoliberalismo por excelência, conseguiu captar esse novo movimento subjetivo e



incorporar às suas gramáticas o discurso terapêutico (Illouz, 2011). Além de mostrar a superação e colocar em segundo plano o sofrimento, no empreendedorismo existe a expectativa do sofrimento: se não houve dor ou sofrimento o bastante para que houvesse uma “superação” – esta entendida aqui como a ruptura radical de uma situação negativa (deplorável, difícil) para uma outra ordem de vida positiva (sucesso, riqueza, fama e reconhecimento) – não é possível afirmar que aquilo foi digno de consideração.

Na entrevista que selecionamos, Luiza Trajano relembra o período em que trabalhou aos 12 anos na loja de sua tia, também chamada Luiza. O trabalho durante este momento é lembrado pela empresária em muitas das entrevistas para canais e programas de televisão, sobretudo quando quer dar ênfase à sua experiência na empresa. Segundo ela, trabalhar na empresa era uma forma de garantir alguma remuneração para comprar presentes e distribuir aos amigos e familiares.

Luiza Trajano: Eu entrei muito nova, com 12 anos. Não [era] trabalho escravo, eu ia trabalhar no fim de ano. A minha tia [Luiza] tinha mais inteligência de empreendedora, não tinha crise. E a minha mãe era inteligente emocionalmente. Então eu consegui, tive a sorte de pegar esses dois lados. Com 12 anos eu já comecei a trabalhar nas férias de dezembro, só pra poder ganhar dinheiro e dar presente. Com 17 anos eu já assumi. Todo esse processo de transformação, de criar, eu já assumi muito nova. Eu ia fazendo Direito à noite, porque era a faculdade melhor que tinha em Franca (SP), pra ter uma faculdade, mas eu já trabalhava muito na loja. (4:08 - 4:50).

Mariana Kupfer: Eu me identifico também. Sou de uma família com três irmãs, uma mãe empreendedora. Eu sempre falo que o exemplo arrasta, né? (4:50 - 4:59)

Podemos notar aqui dois aspectos importantes que estão intimamente articulados: i) a recuperação do valor biográfico da infância como estratégia (não necessariamente deliberada) para falar de um momento fundamental da sua vida, algo que serviu como marco para se tornar quem é, um desde sempre que sinaliza uma essência da sua personalidade pública e do modo de agir; ii) a geração de subentendidos sobre aquilo que não precisou ser dito: falar que trabalhou desde os 12 anos, ainda que nas férias e mesmo que não obrigada ou por subsistência, ao contrário de romper com o sentido de esforço duro em idade precoce, na verdade reafirma o valor da simplicidade em termos morais, e não socioeconomicamente.

Os desafios da maternidade também são tratados por Luiza Trajano e pela entrevistadora como lugares fundamentais da sua trajetória para firmar-se como empreendedora. É interessante ressaltar que o assunto maternidade já começa a ser

considerado pela entrevistadora Mariana Kupfer como algo que necessita ser encarado sob a lógica da gestão:

Mariana Kupfer: Falando no seu filho, eu quero aproveitar pra entrar em outro universo que você também sabe administrar muito bem, que é a maternidade. Você é mãe da Ana Luiza, da Luciana e do Frederico, que falamos aqui. Qual foi a maior lição que a maternidade te trouxe, Luiza? (7:50 - 8:08, grifos nossos).

Mais do que isso, comparece a esta fala a dimensão da autorrealização e do aprendizado diante das dificuldades que a maternidade traz às mulheres. Quanto à resposta, Luiza Trajano é enfática ao dizer que a maternidade traz um antes e um depois para as mulheres, e a experiência e o tempo podem oferecer a possibilidade de ver os problemas da maternidade de forma mais positiva:

Luiza Trajano: Cada ano que vai passando e quanto mais velha você vai ficando, mais você vai valorizando até as dificuldades, porque não é tudo uma maravilha (9:00 - 9:10).

Levando em conta essa fala, consideramos que o empreendedorismo tem a capacidade de não apenas utilizar as testemunhas como peças de exemplaridade (casos de sucesso) sobre os sujeitos que ascenderam socialmente, mas em colocar o mercado como um lugar reconfortante para os traumas: é nele que será possível entender que só é possível “vencer” se soubermos enxergar as oportunidades contidas no seu sofrimento e saber aproveitar e capitalizar empreendimentos a partir das dificuldades que está passando; o aprendizado, aí, é mediado fundamentalmente a partir da dor. Cabe salientar que, diferentemente da confissão, o testemunho opera no âmbito público, o que implicaria, segundo Vaz *et al.* (2015), em uma diferença na produção de subjetividade quando comparada à confissão: o efeito do testemunho, segundo os autores, se dá mais em quem escuta do que naquele que fala.

O sofrimento aqui é um imperativo que não opera apenas no âmbito do conteúdo, mas a partir de uma determinada forma do sofrimento. É por isso a insistência de Luiza Trajano na ideia de que as pessoas, sobretudo o sujeito empreendedor, nunca pode acreditar estar bem ou razoavelmente estável, porque sempre pode ser surpreendido por algum infortúnio que precisará, obrigatoriamente, saber vencê-lo. O estado de alerta permanente em relação aos possíveis desafios da vida é aquilo que irá garantir o sucesso:

Luiza Trajano: Primeiro, ninguém tem sucesso, mas está de sucesso. Então, acho que uma grande postura minha era essa, porque todo dia você tem de continuar fazendo mais bem feito pra poder continuar tendo sucesso. Quando você acha que já tem dinheiro, já tem saúde, você passa a achar que tem pra

toda vida. Quando internamente você acredita que você está, primeiro não tem o sucesso (5:24 - 5:52).

O que está implícito nessa narrativa é a ideia de concorrência entre os sujeitos na contemporaneidade, colocados cada vez mais em estado de segurança permanente, no qual todos ao seu redor são, senão possíveis concorrentes, talvez inimigos no jogo da disputa infinita do mercado de trabalho, das emoções e das relações. A subjetividade assume a dimensão do risco e da responsabilidade individual, raciocínio esse que nos leva a considerar que não existem mais pessoas empregadas, mas empregáveis (Lazzarato, 2011).

Essa narrativa comporta também uma nova maneira de lidar com as emoções e com um passado de sofrimento, conforme o padrão da cultura terapêutica descrito por Illouz (2011): em um primeiro momento, existe a identificação de algo considerado patológico ou disfuncional ao que seria ideal para a saúde terapêutica e para a autorrealização do sujeito, seguido de uma identificação causal com o passado ou com algum acontecimento causal que foi capaz de alterar profundamente sua vida. Por fim, há uma tentativa de reescrita da própria história à luz dos objetivos colocados à própria vida no futuro (Illouz, 2011). Analisando, por exemplo, a narrativa de dificuldades durante a infância e a maternidade, podemos inferir que estes foram eventos decisivos para que ela pudesse aprender a assumir responsabilidades e a buscar o próprio sucesso sozinha e, no segundo caso, aprender a conciliar dimensões complexas da vida, como o trabalho e a maternidade. Começa a ficar bastante presente na entrevista um dos principais aspectos daquilo que Pierre Bourdieu (2006) chamou de ilusão biográfica: os eventos biográficos são narrados de modo a seguir uma linearidade progressiva e de causalidade, conectando e dando sentido a acontecimentos de uma vida como marcas perenes da existência. A infância, nesse sentido, é fundamental, para a produção de um sentido teleológico da existência:

Há duas dimensões importantes a considerar aqui. O sucesso é definido como uma conquista pela capacidade de realização, materializar projetos, mover outras pessoas na direção certa, pegar o caminho certo, fazer as escolhas mais acertadas. O espaço combina-se aqui com o tempo e a atividade, de forma teleológica: na direção da realização e do sucesso, planejados pelas próprias mulheres. Luiza Trajano reconhece a importância de sua mãe e de sua tia na formação do que ela se tornou desde a infância. Ela havia extraído delas a inteligência emocional, de uma, e a inteligência empreendedora, de outra.



Na segunda dimensão, sublinhamos que a vida contada por Luíza Trajano retrata retrospectivamente a trajetória como resposta a algum chamado ou necessidade interna – tais narrativas são formas ampliadas de “ilusão biográfica” (Bourdieu, 2006). Sob esta definição, o processo vocacional não é uma questão de negar o próprio destino, mas de realizar investimentos (relacionais, educacionais, emocionais, econômicos etc.), que embora relacionam-se com fatores objetivos (origem social, gênero, desempenho educacional) permitem que os indivíduos que os fazem vejam sua carreira como resultado de um conjunto de escolhas unicamente pessoais – mesmo que isso possa ser uma ilusão (no sentido dado por Bourdieu). Além do trabalho em si e as recompensas pessoais que pode trazer, a vocação envolve uma referência a um horizonte político, estético ou moral; tais ocupações são definidas em referência aos valores e funções sociais universalizadas. A vocação pode assim ser duplamente definida como forte *illusio*, ou seja, uma crença desmedida nos jogos próprios de um dado microcosmo social que fundamenta o investimento nesses jogos de poder e como a tradução desta *illusio* em um registro discursivo do bem comum ou de uma missão, ajudando os que sofrem, trabalhando pela justiça, servindo a causa da ciência ou da arte. É nesse ponto que Luíza Trajano está buscando se afirmar como empreendedora de sucesso.

2 Usos do passado, anacronismo biográfico e limites da exemplaridade

Na entrevista que analisamos, os usos do passado concentram-se predominantemente nos valores biográficos mobilizados por Luiza Trajano, sendo a infância um valor biográfico central na narrativização de seu passado e da sua história, que busca dar sentido à vida: ao mesmo tempo em que corresponde a uma ordem narrativa, também se refere a uma orientação ética (Arfuch, 2010). Portanto, dizer que trabalhou desde a infância significa pensar que sempre houve em Luiza Trajano um espírito empreendedor e trabalhador capaz de guiá-la. Também busca enfatizar que o processo de crescimento na empresa até o posto mais alto tem a ver com um “DNA empreendedor”, algo reforçado por ela e pela apresentadora Mariana Kupfer quando falam do propósito de vida:

Luiza Trajano: Eu não abro mão do meu propósito, que é trabalhar o ganhanha, onde todos têm de ganhar, trabalhar a desigualdade social, que é trabalhar a discriminação, isso foi a vida inteira, as injustiças... Eu sou libra.



A minha mãe falava: ‘Menina, sinceridade demais é falta de educação’. Isso já era pequenininha e eu já discutia com as freiras do colégio a justiça social. É uma coisa que nasceu em mim (6:05 - 6:30).

Mariana Kupfer: Já estava no seu DNA, no seu sangue (6:30 - 6:32)

Falar sobre um Eu que sempre existiu é próprio do gênero autobiográfico. Este movimento não tem a ver com a tentativa de conferir uma representação verídica da individualidade, mas “uma forma de encenação ilusória de um eu exclusivo” (Miranda, 1992, p. 38). Assim, se a infância é vista no senso comum como um momento da vida em que muitas experiências e aprendizados ainda não foram experienciados, dizer que neste período Luiza Trajano já discutia com adultos sobre as injustiças do mundo, serve na narrativa do empreendedorismo como alibi para certificar sua essência heroica e bloquear qualquer tentativa de questionamento sobre suas ações em prol das causas sociais mais recentes. Esse é um modo de ficcionalizar a trajetória pessoal: não exatamente inventar falsamente uma nova história, mas criar um novo Real com a verdade de si.

Vale destacar que esse heroísmo de Luiza Trajano também não é algo próprio dela: comparece à narrativa de sua história de superação a transmissão de um “DNA empreendedor” e do esforço das mulheres empreendedoras da família, sua mãe e a tia supracitadas. Para a empresária, elas tiveram o papel de inspirá-la a ser como é hoje. Em alguns momentos da entrevista, ela enfatiza como elas já assumiram um papel de empreendedoras numa época em que havia pouco espaço para as mulheres liderarem os negócios. O uso do passado em uma trajetória também serve aqui para afirmar a autorrealização de um sujeito em uma narrativa, ou seja, indicar de forma imperativa a mudança de um estado de completa disfunção (o passado) para aquele da superação (presente ou futuro). Esta perspectiva se assemelha ao modo como os sujeitos empreendedores administram suas próprias vidas pela ideia de projeto, ou seja, pessoas que se movem desde o passado até o futuro em direção à felicidade e à satisfação pessoal (Rose, 2011).

Compreendemos que o conceito de anacronismo possui muitas dimensões e consideramos que existe um longo debate sobre o tema, esforço esse que não é objeto deste trabalho. Porém, uma dessas definições é a de Sarlo (2007), para quem a narrativa testemunhal, tão presente midiaticamente, permite o anacronismo. Este ocorre no âmbito de uma operação em que o sujeito tem a possibilidade de lembrar, calar-se, modificar, inventar ou mesmo transferir o tom que os instrumentos culturais conseguem captar do

passado (Sarlo, 2007, p. 58-59). Pode ser ainda compreendido, como Rancière (2011) propôs, como uma espécie de conceito perverso de lidar. Para o autor, o anacronismo vai além de um problema de cronologia defeituosa, ou seja, ligado àquilo que não pode existir em uma determinada data e condição, mas porque submete à história às possibilidades de pensamento e ação ao possível numa certa delimitação, algo que seria uma atitude anti-histórica. Rancière (2011) pensa que é necessário desfazer a ideia de anacronismo como algo negativo por si mesmo.

Contrapor-se à noção de que os sujeitos só podem fazer ou pensar em algo a partir daquele possível nos libertaria da ideia de que somos “semelhantes” ao nosso tempo e não podemos desfazer a história, romper com suas conjunturas e com aquele possível que se apresenta como condição (Rancière, 2011, p. 46-47). Logo, quando Luiza Trajano afirma que sua tia Luiza já era uma empreendedora já nos anos 1950, ela está fazendo aqui um movimento anacrônico, porém não no sentido de Rancière (2011), mas a partir do conceito de Sarlo (2007), adicionando e editando coisas do passado: o empreendedorismo como ideologia social midiaticamente difundida não existia, inclusive porque foi implementado como política de Estado apenas na segunda metade do século XX (cf. Foucault, 2008; Dardot e Laval, 2016; Saad Filho e Moraes, 2018), mas serve para subsidiar a construção de uma excepcionalidade, tornando sua família alguém “fora do próprio tempo”. Como é possível ser disruptiva num tempo em que não havia neoliberalismo na forma como conhecemos? Se Trajano pudesse ser justa com a própria história, o anacronismo nesta narrativa deveria contemplar, ao contrário de uma simples relação de causação, o estabelecimento de uma multiplicidade de temporalidades que pudessem ser convocadas a fazer novas conexões, ou seja, a colocar em evidência a existência de vários tempos, incluindo um “mesmo” tempo, para assim haver condições para o agir histórico (Rancière, 2011).

Assim, se a família de Luiza Trajano está “fora do seu tempo” porque inaugurou uma série de inovações na rede de lojas Magazine Luiza e porque foram mulheres que, apesar do sofrimento, souberam superar as dificuldades, Luiza Trajano não está reconhecendo as diferentes temporalidades que permitiram a produção social de um determinado indivíduo como ela, marcado por contradições, multiplicidades e relações de poder, mas reforçando o imaginário de alguém exemplar, destacada do real histórico e coerente com esse presente da ideologia empreendedora.



3 Verdade da memória de Luiza Trajano

Pensar as narrativas de sofrimento na contemporaneidade significa levar em conta as mudanças culturais operadas no âmbito da moral e da verdade. Como afirmam Vaz *et al.* (2021), a verdade se dava a partir da avaliação de quem julgava ou interpretava o relato, porém agora reside na “autoridade da experiência do sofredor/sobrevivente, que surge como aquele que sabe porque viveu” (Vaz *et al.*, 2021, p. 7). Essa mudança é decorrente de alterações profundas na história, que permitiram conferir credibilidade às narrativas privadas no espaço público, algo que precede o aprimoramento das tecnologias da informação e das redes digitais. Vaz *et al.* (2021) discutem especificamente o testemunho de sofrimento hoje como a secularização das narrativas de conversão do protestantismo do século XVI. Porém, as considerações sobre a capacidade transformadora dos relatos nos parecem úteis aqui para pensar como os testemunhos das figuras de sucesso do empreendedorismo, especialmente aquelas que ganharam espaço considerável na mídia, tem a capacidade de vincular os sujeitos e gerar identificações e reconhecimentos pela forma muitos-muitos, porque convidam as audiências a se identificarem e também a relatarem experiências (Vaz *et al.*, 2021).

Além disso, essas narrativas fazem sucesso porque o empreendedorismo propõe não apenas um plano de vida para os indivíduos, mas uma ética da subjetividade. Nela, os sujeitos podem decidir o que é “certo” ou “errado”, permitido ou proibido no governo de suas próprias vidas (Rose, 2011). Há uma concepção positiva de poder que busca não coibir ou impor aos indivíduos a moralidade, mas fazer acreditá-los que eles mesmos são os próprios atores de sua trajetória individual. Numa concepção foucaultiana, o sujeito guiado pela biopolítica neoliberal não deve ser visto como o dominado pelos dispositivos de subjetivação mas, ao contrário, um agente inserido numa rede sutil de poderes, saberes, discursos e prazeres (Foucault, 2022).

No caso em específico do empreendedorismo, o movimento não se dá para evitar ou reduzir as chances de que um evento traumático aconteça, mas em como conduzir o sofrimento para algo produtivo, econômico e socialmente, a partir da figura do empreendedor-de-si. Como podemos notar, o sofrimento já está aí pressuposto, bastando apenas pensar em como gerenciá-lo a partir de uma nova racionalidade pela qual todos devem se submeter.

Os relatos testemunhais de Luiza Trajano devem ser encarados não exatamente pela capacidade de produzirem determinados efeitos de sentido sobre o público ou mesmo se realmente correspondem à realidade vivida pela empresária durante a infância ou mesmo na maternidade. Importa aqui muito mais perceber as palavras de Trajano como acontecimento para a vida pública e existencial de uma complexidade dialógica que constitui uma vida pública e midiática (Arfuch, 2010). É possível assinalar que o que torna os relatos pessoais de Luiza Trajano dignos de confiança é um tipo específico de regime de verdade, o neoliberalismo, que desde os anos 70 consolidou-se em diversos países do mundo como biopolítica promovida pelos Estados, especialmente os ocidentais. O neoliberalismo emergiu não apenas como um “efeito” da hegemonia do capitalismo financeiro – aquele que impôs um “novo modo de ser da riqueza” a partir da financeirização permitida pelas transformações técnicas do capital desde o final do século XX (cf. Braga, 1997). Houve aí o estabelecimento de um outro regime de verdade: o mercado seria o lugar da verdade e da regulação de todas as atividades da vida social.

Propomos a partir disso duas dimensões fundamentais sobre a figura dos empreendedores e os testemunhos: I) acreditar no relato deles não trata de um problema ou de uma disfunção cognitiva ou intelectual daqueles seduzidos pela sua história de vida; II) a crença no empreendedorismo implica considerar o discurso do sofrimento em sua nova dimensão moral na contemporaneidade.

Desse modo, não tratamos aqui do mercado no sentido puramente ligado às trocas comerciais cada vez mais acirradas, mas do modo de organização da vida que cria condições para a constituição de uma racionalidade e de uma certa subjetividade do empreendedor-de-si (Dardot e Laval, 2016). Como aponta Foucault (2008), o indivíduo pensado como empresário é também aquele que assume todos os riscos no livre jogo da concorrência no qual todos devem (orientação) ser levados (mobilização e engajamento) a participar.

Portanto, ter uma mentalidade empreendedora e acreditar na narrativa do sucesso diz respeito a um aspecto formativo dos sujeitos. Segundo Butler (2013), as transformações de um “eu” envolvem formas de “arte”, estilizações e repetições que levam a certas práticas (Butler, 2013, p. 167-169), o que nos leva a considerar que a aceitação ou a conformação à moral ou às regras vigentes em uma sociedade não se dão por acaso ou por simples assimilação ou pela dominação meramente aplicados aos sujeitos. Uma mudança de perspectiva sobre algo, ou melhor, uma atitude crítica sobre o

empreendedorismo, só é possível “no embate de uma troca específica entre um conjunto de regras ou preceitos (que já estão dados) e uma estilização de atos (que expande e reformula esse conjunto prévio de regras e preceitos)” (Butler, 2013, p. 169).

No segundo aspecto, consideramos como o sofrimento opera no discurso empreendedor. Ao firmar uma pedagogia da sobrevivência, ou seja, delimitar como o indivíduo deve superar uma dificuldade ou mesmo lidar com o sofrimento, Luiza Trajano toma o ser empreendedor a partir de seu status ontológico: há um modo de ser que devemos ser encorajados a assumir por conta e risco (Lage e Vaz, 2021). A sobrevivência, peça fundamental de qualquer discurso empreendedor, é tratada como uma atitude “mental” que reforça a racionalidade do capitalismo no seu plano simbólico. Assim, aquele que corresponde a esses preceitos do sobrevivente – um sujeito “capaz, empoderado e autoconfiante – é reservado imediatamente uma imagem negativa: este seria o sujeito incapaz, fraco e dependente” (Lage e Vaz, 2021, p. 14).

4 Considerações

Procuramos mostrar neste texto como Luíza Trajano constrói a sua trajetória como sendo um exemplo de empreendedorismo. Não se trata de uma construção individual, mas coletiva. Ela é reconhecida como uma mulher bem-sucedida dentro de uma cultura marcada pelo discurso terapêutico. Desse modo, fica recorrente a construção de uma narrativa baseada no binômio sofrimento-superação. No caso de Luíza Trajano, o sofrimento aparece sobretudo como adversidades. Embora nunca tenha sido pobre, ela narra sua história como sendo de uma origem humilde. Humildade aqui não é necessariamente um indicador socioeconômico, embora tenha sido interpretado assim ao longo de sua trajetória. É muito mais um valor moral para qualificar aquele que não possui aparência de vaidade ou de arrogância. A humildade está no mesmo campo semântico da simplicidade, mas não é sinônimo de pobreza. É usado socialmente em certa equivalência com pobreza. Essa equivalência reforça a dimensão melodramática da narrativa de vida de Luíza Trajano, dando-se uma forma pessoal de superação de desigualdades sociais como dificuldades pessoais. Esse enquadramento das questões sociais como problemas pessoais a serem superados faz um receituário de sucesso: pela autorrealização.

Embora esteja apagada de sua fala, a competição se faz presente pela unicidade de sua narrativa. Trajano é única. Não se trata de ser líder ou não em seu mercado de

lojas de varejo, mas de ser uma referência como mulher empreendedora. A competição é estendida aos objetivos individuais de desempenho, autoavaliação permanente, autogestão emocional, autoaprimoramento, lucratividade em função da competência e do mérito individual são ao mesmo tempo responsabilizados por suas vendas, seus produtos, suas filiais e assim por diante.

Referências

- ARFUCH, L. **O Espaço Biográfico**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BIAL, Pedro. **Luiza Helena**: mulher do Brasil. São Paulo: Editora Gente, 2022.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.
- BRAGA, José Carlos de Souza. Financeirização global: o padrão sistêmico da riqueza do capitalismo contemporâneo. In: TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. **Poder e dinheiro**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- BUTHER, Judith. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 22, p. 159-179, 2013.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DRIESENS, Olivier. A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. **Ciberlegenda** v. 31, p. 8-25, 2014.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, J. F.; CASTELLANO, M. Eike Batista, “o bilionário popstar”: um estudo sobre a celebração midiática do empreendedorismo. In: FRANÇA, Vera e OLIVEIRA, Luciana de. (orgs.) **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.193-212.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- LAGE, L. R.; VAZ, P. R. G. Na distância da vítima: moralidade sobrevivente e a produção televisiva do indivíduo empreendedor de si. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, p. 104566, 2021.



- LAZZARATO, M. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos-SP: EdUFSCAR, 2011.
- MIRANDA, W. M. A ilusão autobiográfica. In: MIRANDA, Wander Melo. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Editora UFMG, 1992.
- RANCIÈRE, J. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). **História e tempo**. Chapecó: Argos, 2011.
- ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.
- SACRAMENTO, Igor. A era da testemunha: uma história do presente. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7, n. 1, 2018.
- SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. **MATRIZES**, v. 8, n. 2, p. 153-173, 2014.
- SAAD FILHO, Alfredo; MORAIS, Lecio. **Brasil: neoliberalismo versus Democracia**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- VAZ, Paulo; SANHOTENE, Nicole; SANTOS, Amanda. Da salvação pela fé à cura pela autoestima: as origens religiosas do testemunho de vítima. **Revista Galáxia**, v. 46, n. 1, 2021.
- VAZ, P.; SANTOS, A.; ANDRADE, P. H. Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. **Lumina**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2015.